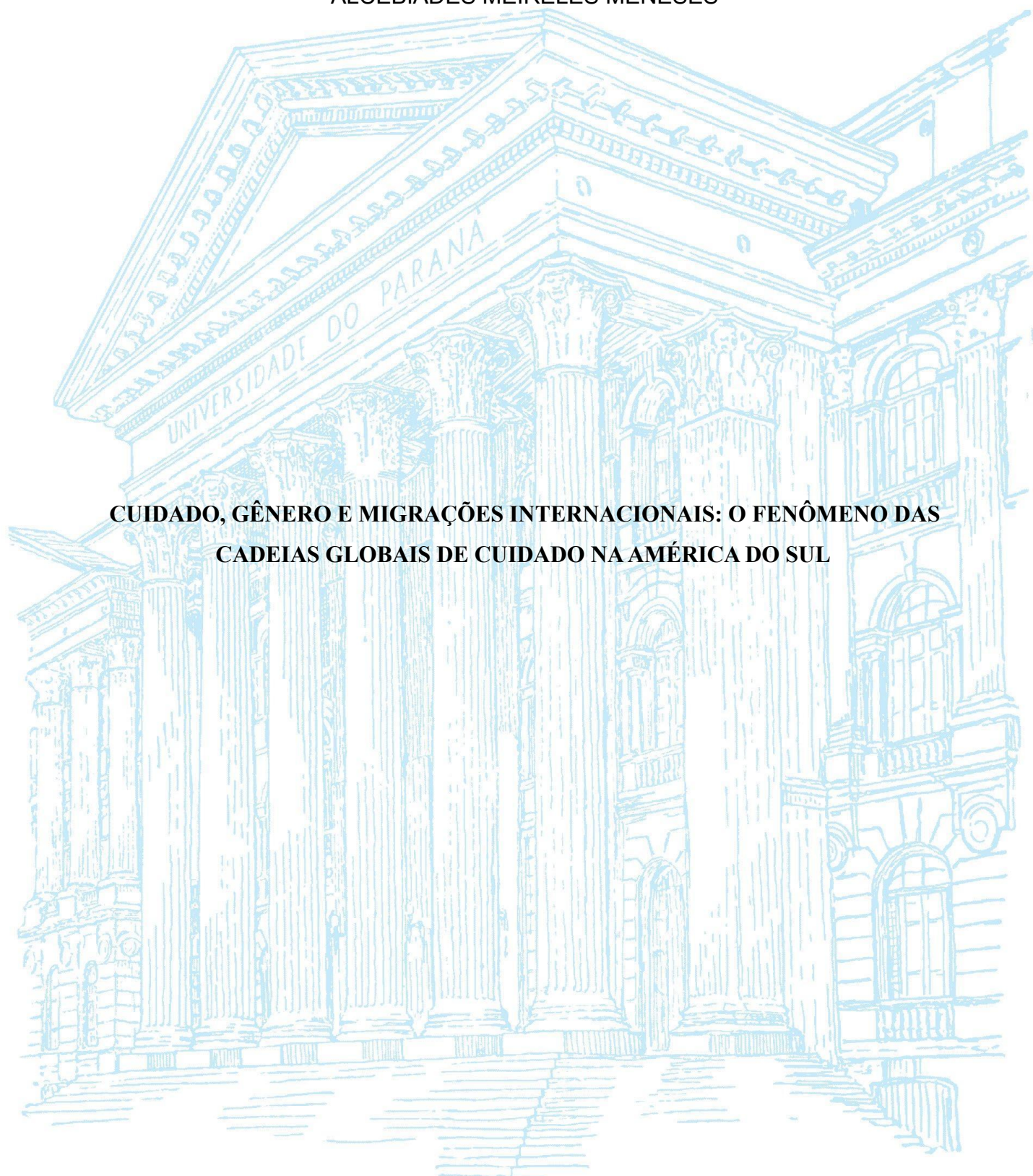


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALCEBIADES MEIRELES MENESES



**CUIDADO, GÊNERO E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: O FENÔMENO DAS
CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO NA AMÉRICA DO SUL**

CURITIBA

2022

ALCEBIADES MEIRELES MENESES

**CUIDADO, GÊNERO E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: O FENÔMENO DAS
CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO NA AMÉRICA DO SUL**

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Direito, Curso de Direito, Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná.

Profa. Dra. Tatyana Scheila Friedrich

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

CUIDADO E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: O FENÔMENO DAS CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO NA AMÉRICA DO SUL

ALCEBIADES MEIRELES MENESES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção de Graduação no Curso de Direito, da Faculdade de Direito, Setor de Ciências jurídicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Profa. Dra. Tatyana Scheila Friedrich
Orientador

Coorientador



Profa. Dra. Larissa Ramina
1º Membro



M^a. Isabella Traub
2º Membro

“Soy... Soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano!
Soy el sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
Una canasta con frijoles, soy Maradona contra Inglaterra
Anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta, es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
Soy américa Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina
Oye!
(...)”

(Latinoamerica, Calle 13)

AGRADECIMENTOS

*(...)O amor cuida com carinho
Respira o outro, cria o elo
O vínculo de todas as cores
Dizem que o amor é amarelo
É certo na incerteza
Socorro no meio da correnteza
Tão simples como um grão de areia
Confunde os poderosos a cada momento
Amor é decisão, atitude
Muito mais que sentimento
Alento, fogueira, amanhecer
O amor perdoa o imperdoável
Resgata a dignidade do ser
É espiritual
Tão carnal quanto angelical
Não tá no dogma ou preso numa religião
É tão antigo quanto a eternidade
Amor é espiritualidade
Latente, potente, preto, poesia
Um ombro na noite quieta
Um colo pra começar o dia(...)"
(Principia, Emicida)*

Sempre quando leio documentos, dissertações ou qualquer outro documento que possua a sessão agradecimentos, perco longos minutos, pois sinto que passo a conhecer um pouco mais daquela pessoa que está sendo grata e não somente, mas sinto o amor emanado daquelas curtas páginas. Pois agora chegou a minha vez.

Bom, me chamo Alcebiades, e os últimos 6 anos me fizeram ser grato por tantas coisas, até mesmo nas dificuldades, em casa, na faculdade, estágio, ou até outras dificuldades mais corriqueiras. Primeiro, agradeço a Deus, que me deu o dom da vida e a chance de estar vivendo esse momento, que significa muito para mim e para muita gente que amo.

Também agradeço demais a Universidade Federal do Paraná, que foi, e espero que continue sendo no futuro, uma das melhores coisas que poderiam acontecer comigo. Eu, até meus 15 anos, nem imaginava estudar numa das melhores Universidades do Brasil. Só tenho gratidão à UFPR.

Agradeço demais aos meus pais, Alciomar de Carvalho Meneses e Jael Meireles Meneses. Sem eles, não teria entrado nesta Universidade, eles, que muitas vezes, acreditam mais em mim do que eu mesmo. Um imenso obrigado, família.

Também não posso deixar de agradecer ao meu irmão Alciomar Jr. e a todos os tios, tias, avós e parentes que passaram pela minha vida em algum momento e me fizeram ser o que sou hoje.

Um especial obrigado à minha falecida avó, Maria José de Carvalho, pessoa que me inspira desde criança a não apenas ser uma pessoa melhor, mas também a um dia poder dar aula numa Universidade Pública.

Agradeço também a minha querida orientadora, Profa. Dra. Tatyana Friedrich, que desde a Iniciação Científica em 2019 me orientou e também pela paciência e por acreditar em mim. Ainda, agradeço também ao Projeto Migração e Universidade Brasileira - Hospitalidades (PMUB), famosa sala 28, lugar que pude ver na prática, o que é a luta pela garantia dos Direitos Humanos.

Ao Núcleo de Estudos em Sistemas Internacionais de Direitos Humanos (NESIDH), um muito obrigado, vocês com certeza fizeram minha experiência universitária muito mais enriquecedora e um especial obrigado à Professora Melina Fachin, por coordenar tão primorosamente esse grupo.

Aos meus amigos do NESIDH, Ana Paula Almeida, Ana lê, Ana Júlia, Bianca Anderle, Dilermando Borges, Catarina Ramos, Fer Izídio, Giovanny, Marina Bonatto, Marília Martins, Igor Maestrelli, Isabella Traub, Paula Alvarez, Paula Barbieri e Stephany por todo o companheirismo, amizade e amor compartilhado entre nós, principalmente durante a pandemia.

Também aos meus outros amigos especiais que fiz nessa amada Universidade: Lucas Monte, Gabriela Morales, Silvana Hoshino, Raphael Knopik e Alana Plucinski um muito obrigado por tornarem minha caminhada até aqui tão mais leve e doce, espero ter alegrado os vossos dias também e espero levá-los para a vida inteira.

Ainda, um especial obrigado aos meus amigos da época do Ensino Médio, Gabriel Canova, Marina Kluppel e Giovanni Cazarotto, apesar do tempo, nossa amizade continua firme e forte.

Um especial obrigado ao corpo docente da FD-UFPR, especialmente àqueles que me inspiraram muito nesses últimos anos, Prof^ª Heloísa Câmara, Prof^ª Larissa Ramina, Prof. William Pugliese, Prof. Sérgio Staut, Prof. Ricardo Marcelo, Prof.

Thiago Hansen, Prof^a Taysa Schiocchet, Prof^a Melina Fachin, Prof^a Danielle Annoni, além da minha orientadora e Profa. Tatyana, que com certeza ficará marcada em minha trajetória. Para finalizar, um obrigado aos meus ex-chefes, especialmente ao Dr. Eduardo Batistel por todos os ensinamentos passados na prática jurídica.

É isso, um muito obrigado e espero ter novamente a oportunidade de agradecer a tantas pessoas que amo e que me ajudaram na construção do que sou.

RESUMO

O fenômeno das migrações internacionais foi o grande objeto de estudo do presente artigo, que com os devidos recortes e correlações, promoveu um estudo mais aprofundado sobre um movimento tão diversificado e amplo. Dentro desse arco, a presente pesquisa teve como metodologia a revisão de literatura, a partir do método indutivo, perpassando por teóricas feministas da interseccionalidade, além de evidenciar o fenômeno da feminização das migrações, mudança ocorrida nas últimas décadas. Para além desse arcabouço teórico feminista, a presente pesquisa investigou conceitos da sociologia, como “ética do cuidado”, trazendo ao relevo importantes debates, como, direito ao cuidado e o fenômeno das Cadeias Globais de Cuidado. Por fim, buscou-se, através de revisão de literatura qualificada, identificar correntes migratórias no eixo Sul-Sul, em que todos os fenômenos supracitados, principalmente as chamadas Cadeias de Cuidado, mostraram-se presentes. Por fim, a leitura de teóricas feministas, adeptas ou não da interseccionalidade como ferramenta, foi de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo, em vista do destaque dado à categoria gênero na pesquisa.

Palavras-Chave: Migrações Internacionais; Cadeias de Cuidado; Interseccionalidade; Gênero.

ABSTRACT

The phenomenon of international migrations was the main object of study of this article, which, with the appropriate cuts and correlations, promoted a more in-depth study of such a diverse and broad movement. Within this arc, the present research had as its methodology the literature review, within the arc of the inductive method, passing through feminist theorists of intersectionality, in addition to highlighting the phenomenon of feminization of migrations, a change that has occurred in recent decades. In addition to this feminist theoretical framework, the present research investigated concepts of sociology, such as "ethics of care", bringing to the fore important debates, such as the right to care and the phenomenon of Global Care Chains. Finally, we sought, through a review of qualified literature, to identify migratory currents in the South-South axis, in which all the aforementioned phenomena, especially the so-called Care Chains, were present. Finally, the reading of feminist theorists, adept or not of intersectionality as a tool, was extremely important for the development of this study, in view of the emphasis given to the gender category in the research.

Key words: International Migration; Care Chains; intersectionality; Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. MIGRAÇÕES E GÊNERO: UM NECESSÁRIO OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE MIGRAÇÕES DE MULHERES	12
2.1 Reflexões teóricas sobre interseccionalidade	12
2.2 O fenômeno da feminização das migrações	16
3. O CONCEITO DE CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO	19
3.1. A precarização do trabalho do cuidado e a Nova Divisão Internacional do Trabalho	19
3.2.O que é cuidado?	22
3.3 Cadeias Globais de cuidado	25
3.4. Direito ao Cuidado	28
4. A PRESENÇA DO CUIDADO NO DESTINO MIGRATÓRIO DAS MULHERES DO SUL QUE MIGRAM PARA O SUL	29
4.1. Migrantes peruanas em Córdoba, Argentina e o trabalho doméstico como principal saída:	30
4.2. Chile: Destino de migrantes peruanas e o trabalho doméstico “puerta adentro”	32
4.3. Brasil: O desafio das migrantes paraguaias na maior metrópole da América so Sul	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

O estudo da temática da migração cada vez mais tem se especificado e com novas lupas e recortes postos sobre esse objeto de pesquisa. Tal especificação se deve em muito aos novos movimentos migratórios ocorrido nas últimas décadas, a ver por exemplo, um estudo feito pelas Nações Unidas (2016) identificando um movimento de “feminização da migração” ao apontar que as mulheres representavam 48,2% do migrantes internacionais em todo o mundo¹.

Considerando esse novo fenômeno, o presente artigo pretende, através de revisão bibliográfica de variadas pesquisas qualitativas feitas no decorrer da última década, colocar uma lupa sobre esse objeto, tendo como principal referencial teórico as teorias feministas interseccionais.

Partindo dessas premissas, o presente artigo está dividido em três grandes eixos: I. Interseccionalidade entre gênero, raça, classe social e status migratório e o impacto dessas “categorias” ou marcadores sociais na vida das mulheres migrantes; II. O conceito de Cadeias Globais de Cuidado, criado inicialmente por Arlie Hoschild e desenvolvido nos últimos 20 anos por variados autores e autoras das ciências sociais; e III. Correntes migratórias identificadas pelas pesquisas qualitativas realizadas no âmbito Sul-Sul, com um recorte para a América do Sul e o olhar sobre essas migrantes a partir do recorte de classe, raça, gênero e nacionalidade.

Partindo desses eixos destacados, a presente pesquisa pretende pôr em relevo a questão migratória aliada ao cuidado, sob a lente da interseccionalidade. Discutir-se-á temáticas das mais variadas, a ver, a feminização dos movimentos migratórios, o conceito de Cadeias Globais de cuidado e como o feminismo interseccional observa tais fenômenos. Ainda, o direito ao cuidado como direito humano também será pauta do presente artigo.

Tais debates servirão para um maior e melhor entendimento desses temas tão caros à atualidade, buscando-se também questionar e discutir os fatos cotidianos vividos por milhões de pessoas em todo o mundo.

Por fim, é válido destacar que o estudo tão específico da migração com recorte interseccional é importante não somente pela pouca atenção recebida de

¹ International Migration Report 2015, United Nations.

pesquisadores e pesquisadoras do Direito Internacional dos Direitos Humanos no âmbito brasileiro, mas também, para um melhor entendimento dos fluxos migratórios recentes em que o Brasil foi posto no papel de país receptor de migrantes de nações menos desenvolvidas, a ver Haiti, Colômbia e Venezuela². Portanto, entender migrações de mulheres no âmbito regional, é compreender todos os passos dados por elas, e o impacto desses movimentos em nossa realidade³.

2. MIGRAÇÕES E GÊNERO: UM NECESSÁRIO OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE MIGRAÇÕES DE MULHERES

2.1 Reflexões teóricas sobre interseccionalidade

Antes de adentrar na temática migratória em si, é necessário dar um passo anterior e abordar o debate sobre interseccionalidades. Em fins dos anos 80, teóricas do feminismo, desde a antropologia, passando pela história e filosofia, passaram a tecer críticas às correntes dominantes do feminismo estabelecido em meados dos anos 70.⁴

Autoras como Judith Butler, à época, passaram a ver o gênero, não mais como construção cultural e arbitrária necessariamente ligado ao sexo biológico, ou seja, uma visão fixa e imutável, mas um conceito com variadas nuances e mais flexível.⁵

Segundo Adriana Piscitelli, tal mudança ocorreu devido ao reposicionamento de referenciais teóricos dessas autoras feministas, havendo assim uma contestação dos modelos de teorias feministas vigentes até então, buscando de certa forma, a dissolução do sujeito universal consciente.⁶ Entretanto, mesmo com tal mudança, ainda assim, o conceito de gênero, não era ainda relacionado a outras categorias, como raça e sexualidade.⁷

² Ministério da Justiça e Segurança Pública, Governo Federal. Brasil registra mais de 700 mil migrantes entre 2010 e 2018. 22 de agosto de 2019.

³ UNHCR-ACNUR Brasil. Brasil torna-se o país com o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina. 30 de janeiro de 2020.

⁴ PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, 2008.

⁵ PISCITELLI, Adriana. op. cit., loc. cit., 2008.

⁶ PISCITELLI, Adriana. op. cit., loc. cit., 2008.

⁷ CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stan. L. Rev.**, v. 43, p. 1241, 1990.

Diante disso, Kimberle Crenshaw, expoente do feminismo negro estadunidense, em *“Mapping the margins: Intersectionality, identity politics and violence Against Women of Color”*, traz para o feminismo a teorização dessas diferenciações existentes nos Estados Unidos entre mulheres, abordando o viés da raça e gênero.

Nele, a autora revela o modo como o clássico feminismo, branco e liberal, tenta universalizar o conceito de mulher, pondo a mesma em uma posição de fragilidade, muito devido ao papel social delegado à mulher branca e de classe média, posição bem distinta ocupada pelas mulheres racializadas⁸.

Também no mesmo texto, a autora traz situações que evidenciam essa clara diferenciação, a partir da cor e etnia entre esses grupos de mulheres levando em conta aspectos como violência e a conseqüente politização e o lobby da violência doméstica, que nos Estados Unidos possui recorte de raça profundo em sua abordagem midiática⁹.

Ainda, Crenshaw entende que a categoria interseccionalidade pode oferecer caminhos para uma certa mediação identitária entre as diferentes vertentes de grupos políticos, que disputam as narrativas, têm oferecido ao campo do feminismo.¹⁰

Por fim, segundo Crenshaw, a interseccionalidade também poderia fornecer para grupos tradicionalmente excluídos dos discursos majoritários dentro do feminismo, uma inclusão nessas narrativas por levar em conta não somente as vivências das mulheres brancas, mas também das mulheres imigrantes (geralmente latinas) e afro-americanas¹¹.

⁸ CRENSHAW, Kimberle. op. cit., loc. cit. 1990.

⁹ CRENSHAW, Kimberle. op. cit., loc. cit, 1990.

¹⁰ CRENSHAW, Kimberle. op. cit., loc. cit 1990.

¹¹ CRENSHAW, Kimberle. *Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. Stan. L. Rev.*, v. 43, p. 1241, 1990.

I. “If, as this analysis asserts, history and context determine the utility of identity politics, how, then, do we understand identity politics today, especially in light of our recognition of multiple dimensions of identity? More specifically, what does it mean to argue that gendered identities have been obscured in antiracist discourses, just as race identities have been obscured in feminist discourses? Does that mean we cannot talk about identity? Or instead, that any discourse about identity has to acknowledge how our identities are constructed through the intersection of multiple dimensions? A beginning response to these questions requires that we first recognize that the organized identity groups in which we find ourselves are in fact coalitions, or at least potential coalitions waiting to be formed.”

Para além dessa clássica autora, outras autoras desenvolveram trabalhos utilizando a teoria como marco para suas pesquisas e contribuíram para o desenvolvimento de novas conceituações e entendimentos.

Ann Phenix e Avtar Brah, entendem a teoria da interseccionalidade para além do conceito do “Ser mulher”, contestando assim os conceitos homogêneos trazidos pelo feminismo clássico, que em geral reforçam o status quo em termos de raça, classe social e sexualidade, além de dar suporte a teorias pós-coloniais e pós-estruturalistas que ajudam no repensar das ideias estabelecidas previamente.¹²

Ainda para essas autoras, a interseccionalidade permite uma pulverização dos grupos feministas dando o real entendimento da diversidade existente entre as mulheres no mundo inteiro, a ver, o exemplo dos grupos feministas ingleses formados por mulheres migrantes da Ásia e África, que puderam encontrar na interseccionalidade uma porta para expressar seus anseios e questões¹³.

Por fim, para Phenix e Brah, a interseccionalidade apesar de surgida como teoria no fim do século XX, ecoa vozes de sufragistas negras do passado, a ver, o discurso feito por Sojourner Truth, sufragista e abolicionista afro-americana que em 1851, em seu discurso “And ain’t I a woman?”¹⁴, abordou a ideia principal da interseccionalidade dentro das teorias feministas, o conceito de não-universalização da mulher, trazendo em seu núcleo o questionamento do conceito de mulher diferenciado para brancas e negras.

Para não ficar em um lugar comum, a teoria da interseccionalidade não é uma teoria unânime e para algumas autoras feministas, como Maria José Magliano¹⁵, tal categoria possui limitações, sob um olhar mais metodológico.

¹² BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Ain’t IA woman? Revisiting intersectionality. **Journal of international women’s studies**, v. 5, n. 3, p. 78, 2004.

¹³ BRAH, Avtar; PHOENIX, op. cit. p. 80, 2004.

¹⁴ "Well, children, where there is so much racket, there must be something out of kilter, I think between the Negroes of the South and the women of the North all talking about rights--the white men will be in a fix pretty soon. But what's all this talking about? That man over there says that women need to be helped into carriages, and lifted over ditches, and to have the best place everywhere. Nobody helps me any best place. And ain't I a woman? Look at me! Look at my arm. I have plowed (sic), I have planted and I have gathered into barns. And no man could head me. And ain't I a woman? I could work as much, and eat as much as any man--when I could get it--and bear the lash as well! And ain't I a woman? I have borne children and seen most of them sold into slavery, and when I cried out with a mother's grief, none but Jesus heard me. And ain't I a woman? ..."

Sojourner Truth's speech, 1851.

(Phenix,A.; Brah, A. 2013)

¹⁵ MAGLIANO, María José. Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, p. 691-712, 2015.

Segundo Magliano, há três grandes problemas que podem limitar a viabilidade dessa teoria: i.) A indefinição a respeito do sujeito da interseccionalidade e o fato de tomar as categorias (gênero, raça, classe social e etc) como dadas, ou seja, como um número matemático; ii.) Uma certa limitação da quantidade de categorias classificatórias; e iii.) Uma certa confusão entre identidades e estruturas interseccionais, ou mesmo quando uma é aplicável e outra não.¹⁶

Outra alternativa à categoria da interseccionalidade, é a teoria da consubstancialidade, trazida por Daniele Kergoat em fins dos anos 70¹⁷. A abordagem feita pela autora francesa, tenta entender a articulação das relações de sexo e raça no contexto da divisão social do trabalho. Para além disso, a autora tenta visualizar tais relações de forma orgânica e sob uma tripla visão: classe, gênero e origem.¹⁸

Segundo Helena Hirata, a principal crítica feita por Kergoat à categoria de interseccionalidade, recai sobre o fato de que tal categoria põe em maior destaque, em geral, os fatores de vulnerabilidade gênero e raça, deixando a classe social em segundo plano.¹⁹

Ainda, segundo Hirata, a controvérsia principal quanto às categorias de interseccionalidade e consubstancialidade giram em torno do que Hirata chama de “interseccionalidade de geometria variável”,²⁰ podendo assim incluir outras relações fundamentais, para além de gênero, classe e raça, a ver, sexualidade, idade, religião e nacionalidade.²¹

Como se vê, o aspecto teórico da interseccionalidade não possui unanimidade no meio das teorias feminista e é bastante diverso, pois conta também com outras autoras que buscaram sair um pouco da análise conceitual e verificar a aplicabilidade da teoria no mundo real.

As sociólogas Irene Browne e Joya Misra da Emory University e University of Massachusetts, que em seu trabalho conjunto analisaram a realidade do mercado de trabalho norte-americano com uma perspectiva interseccional e com um recorte no

¹⁶ MAGLIANO, María José. op. cit., loc. cit, 2015.

¹⁷ HORNHARDT, Amanda Menconi. Interseccionalidade, Consubstancialidade e a metáfora do “nó”: A importância das lentes analíticas para a compreensão da imbricação de gênero, raça e classe.

¹⁸ HORNHARDT, Amanda Menconi. Interseccionalidade, Consubstancialidade e a metáfora do “nó”: A importância das lentes analíticas para a compreensão da imbricação de gênero, raça e classe.

¹⁹ HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 66, 2014.

²⁰ HIRATA, Helena. op. cit. p. 67, 2014.

²¹ HIRATA, Helena. op. cit. p. 68, 2014.

trabalho doméstico, demonstrando como os marcadores sociais (gênero, raça e classe social) influenciam nas relações de trabalho entre patrões e empregados dentro desse modo de prestação de serviço.²² Também há autoras que tentam olhar para além das categorias de interseccionalidade mais estudadas e clássicas.

Mônica Santos e Milene Santiago, duas pesquisadoras da área da educação, tentam em seu estudo exploratório,²³ averiguar as categorias deficiência, refúgio e gênero, a qual as mesmas conceituam como “*deficiênciade*”, “*refugiabilidade*” e “*mulheridade*”.²⁴ Através desse estudo, as autoras concluíram que há uma imensa escassez de estudo científico quanto à interseccionalidade dessas categorias, atribuindo tal ausência à falta de políticas públicas voltada a pessoas com deficiência (pcd) e refugiadas.²⁵

2.2 O fenômeno da feminização das migrações

. Passada essa introdução aos conceitos do feminismo interseccional, é necessário voltar-se o olhar ao fenômeno dos movimentos migratórios, que sempre foram uma constante no desenvolvimento humano, tendo os países de todas as regiões do globo ondas cíclicas de migrações, moldando não somente a cultura, mas toda uma sociedade ao longo dos séculos.

Diante da necessidade de se identificar tal movimento, não como um fato dado na existência, mas como um fenômeno social, com nuances, é que esse artigo se utilizará da categoria gênero, destacando-se os porquês, as razões e os fatores endógenos e exógenos que levam mulheres a migrar.

Assim, a categoria gênero como ferramenta de análise social dos movimentos migratórios, surge como uma plataforma teórica conceitual que destaca as desigualdades como uma grande construção das relações de poder.²⁶

A inclusão do gênero nos estudos migratórios se deu em muito pela mudança de perfil e aumento de mulheres nos movimentos migratórios globais. Segundo dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas

²² BROWNE, Irene; MISRA, Joya. The intersection of gender and race in the labor market. **Annual review of sociology**, v. 29, n. 1, p. 487-513, 2003.

²³ SANTOS, M. P. dos; SANTIAGO, M. C. . Com deficiência, mulher e refugiada: uma tríade omnileticamente interseccional. *Revista Educação Especial, [S. l.]*, v. 34, p. e69/1–17, 2021.

²⁴ SANTOS, M. P. dos; SANTIAGO, M. C. . Op. Cit. p.9, 2021.

²⁵ SANTOS, M. P. dos; SANTIAGO, M. C. . Op. Cit. p.11, 2021.

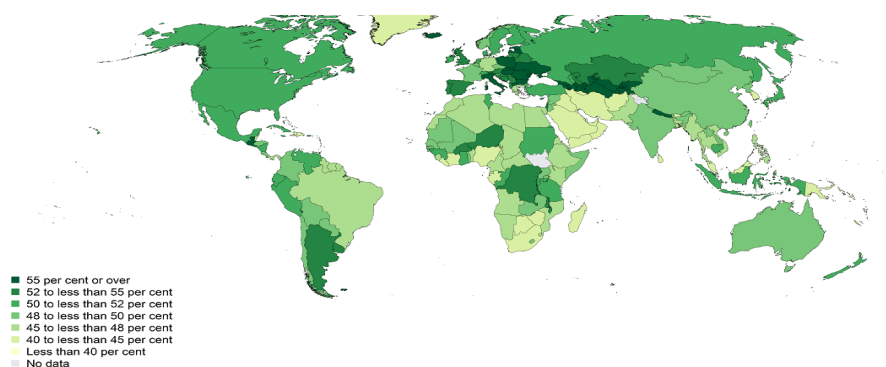
²⁶ GONZALEZ, M. C.; SMITH, Y. D. de. Géreno y migración: desandando caminos. *Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, Lisboa, n. 31, p. 143-157, jan.2015.

(UNDESA), das Nações Unidas, o número de migrantes internacionais pelo mundo era de 272 milhões de pessoas, sendo que **desse total, 47,9% eram mulheres.**²⁷

Ainda de acordo com o mesmo departamento, a proporção de mulheres migrantes, apesar de ter sofrido decréscimo de dois por cento nos últimos 20 anos, varia de acordo com o continente, sendo elas, maioria em regiões como a América do Norte (51,8%), Europa (51,4 %) e Oceania (50,4%).²⁸

Um exemplo desses dados demonstrados acima pelo estudo do Departamento das Nações Unidas, é a mudança de coloração na proporção de mulheres entre os migrantes globais, sendo o segundo mapa, mais escurecido, devido ao aumento de proporção de mulheres migrantes em algumas regiões do Norte e também do Sul Global, regiões mais prósperas economicamente:

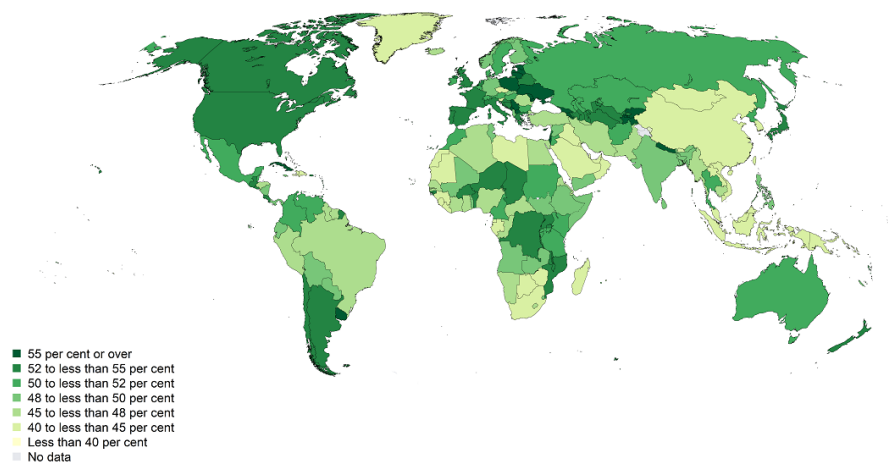
FIGURA 1 - Percentual de mulheres migrantes frente ao total (1990)



FONTE: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UNDESA)

²⁷ United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). **International Migration 2019: Wall Chart (ST/ESA/SER/A/431)**. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>.

²⁸ United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). **International Migration 2019: Wall Chart (ST/ESA/SER/A/431)**. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>.

FIGURA 2 - Percentual de mulheres migrantes frente ao total (2019)

FONTE: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UNDESA)

Regionalmente, a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), através do Observatório Demográfico da América Latina, demonstrou comparativamente que na região a migração feminina, proporcionalmente varia bastante, chegando a 100 homens para 121 mulheres no Peru e 100 homens para 57 mulheres na República Dominicana, tendo o Brasil, um número intermediário, 100 para 87.²⁹

Diante dessa nova realidade, na qual as mulheres passam a ser vistas não mais como simples companheiras dos homens, aquelas que tinham como objetivo aguardar o marido ou o filho, esses os protagonistas do movimento migratório.³⁰ Agora, as mulheres passam a ser percebidas também como protagonistas dos projetos migratórios, surgindo expressões como “feminização das migrações”.

Tal expressão, cabe salientar, não necessariamente refere-se apenas a mudança quantitativa do perfil migratório, mas também à mudança qualitativa, conectado assim, às motivações, anseios, objetivos e oportunidades que tais sujeitos possuem para a realização da prática migratória³¹.

²⁹ CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina; Observatorio Demográfico de América Latina 2018: Migración internacional = Demographic Observatory of Latin America 2018 : International migration; Acesso em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/44411-observatorio-demografico-america-latina-2018-migracion-internacional-demographic>.

³⁰ ASSIS, Gláucia. O. Mulheres migrantes no passado e presente: gênero, redes sociais e migração internacional. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 336, set-dez. 2007.

³¹ CASARIL, Fernanda. Violência em trânsito na América Latina e Caribe: a situação das mulheres migrantes durante o trajeto migratório. p. 56-57. Ano. 2019.

Fernanda Casaril, em *“Violência em trânsito na América Latina e Caribe: a situação das mulheres migrantes durante o trajeto migratório”* identificou como se dá a feminização em três fenômenos: aumento quantitativo de mulheres migrantes, mudança de perfil da mulher que migra e o maior protagonismo assumido por essa nova mulher migrante.³²

A mudança quantitativa, já demonstrada acima, segundo Fernanda, não dependeu apenas da vontade própria das migrantes, mas também das políticas de acesso a direitos no país de origem e das políticas migratórias dos países-trânsito e países receptores.³³

Já os outros dois fatores estão conectados diretamente ao empoderamento e maior autonomia feminina, disputando mais vagas no mercado de trabalho e construindo assim, projetos migratórios mais autocentrados. Entretanto, para Fernanda, tal mudança de perfil também advém da inclusão da ótica de gênero nos estudos migratórios, podendo agora de fato identificar o perfil da mulher que migra e suas motivações.³⁴

Por fim, cabe salientar que os fatores pré e pós migratório são de extrema importância na tomada de decisão da mulher migrante. A ver, a escassez de oportunidades de trabalho do país de origem, relações familiares conturbadas e o desejo por autonomia são determinantes.³⁵ Tais fatores, aliados às maiores oportunidades laborais no país de destino e o acesso a uma melhor qualidade de vida, contribuem para a tomada de decisão.³⁶

3. O CONCEITO DE CADEIAS GLOBAIS DE CUIDADO

3.1. A precarização do trabalho do cuidado e a Nova Divisão Internacional do Trabalho

Analisado o fenômeno da feminização dos movimentos migratórios, faz-se necessário voltar o estudo à fase pós-migratória da mulher migrante, sendo o ato de cuidar, um importante fator. O exercício do cuidado ou trabalho de cuidar,

³² CASARIL, Fernanda. op. cit., loc. cit. Ano. 2019.

³³ CASARIL, Fernanda. op. cit., loc. cit. Ano. 2019.

³⁴ CASARIL, Fernanda. op. cit., loc. cit. Ano. 2019.

³⁵ TELMO ROMANO, Alice Queiroz; PIZZINATO, Adolfo. Migração de mulheres para o Brasil: interseções de gênero, raça/etnia e classe. **Trabajo social**, v. 21, n. 2, p. 197-213, 2019.

³⁶ TELMO ROMANO, Alice Queiroz; PIZZINATO, Adolfo. op. cit., loc. cit., 2019.

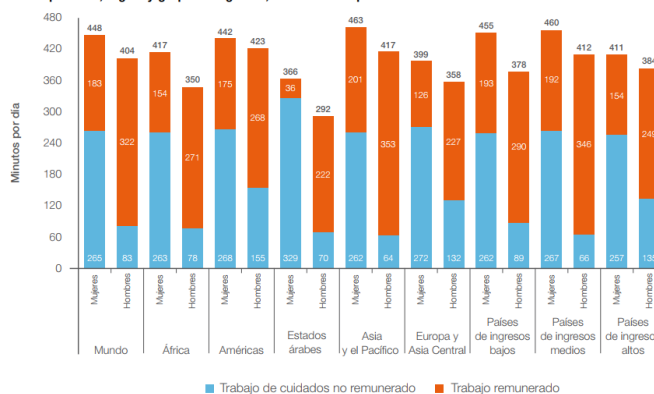
constitui-se em uma necessária atividade para o desenvolvimento das sociedades humanas, pois, em algum momento do desenvolvimento sócio-biológico, será necessário cuidar ou ser cuidado.³⁷

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, em seu dossiê temático a respeito do cuidado, o trabalho de cuidar pode ser dividido em dois tipos de atividades sobrepostas entre si: as atividades de cuidado direto, pessoal e inter-relacional (a exemplo do cuidado do enfermo ou do bebê recém-nascido); A segunda forma de cuidar é mais indireta, como o ato de cozinhar ou limpar louças.³⁸

Entretanto, cabe ressaltar que ambas as modalidades de cuidar podem ser inseridas no cuidado remunerado e não remunerado, sendo essa segunda forma, um modo de trabalho também, visto que o tempo dedicado pela mulher, globalmente, é 3,2 vezes maior que o tempo de dedicação do homem ou 76,2% do tempo total dedicado ao cuidado, conforme exemplificado no gráfico abaixo:³⁹

FIGURA 3 - Tempo dedicado diariamente ao trabalho de cuidado não remunerado, ao trabalho remunerado e ao trabalho total, por sexo, região e grupos de ingresso (tradução minha)

Gráfico 2. Tiempo dedicado diariamente al trabajo de cuidados no remunerado, al trabajo remunerado y al trabajo total, por sexo, región y grupo de ingresos, último año disponible



Nota: Véase el capítulo 2, gráfico 2.8 (64 países).

Fuente: Cálculos de la OIT basados en Charmes, de próxima aparición (véase el informe completo).

FONTE: Organização Internacional do Trabalho (2018)

Ainda quanto ao trabalho não remunerado, a OIT destaca neste mesmo dossiê, que ao todo 647 milhões de pessoas estão inativas no mercado de trabalho devido a responsabilidades familiares (cuidado não remunerado), sendo desse total, 93,6% composto por mulheres, evidenciando uma agravante desigualdade de

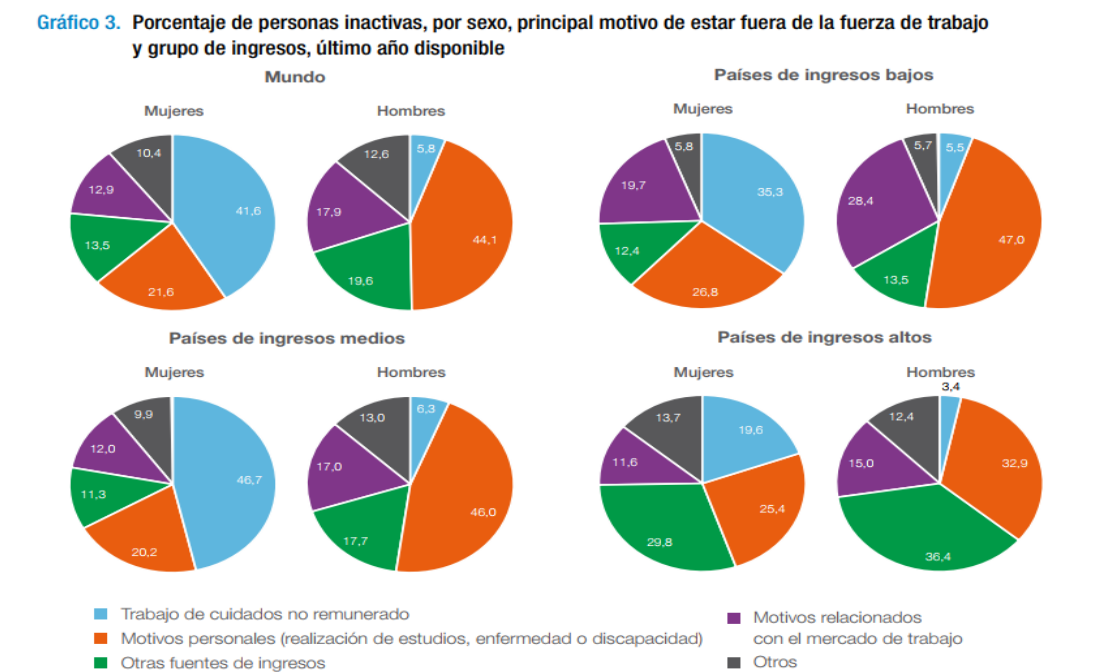
³⁷ LUTZ, Helma. Care migration: The connectivity between care chains, care circulation and transnational social inequality. **Current Sociology**, v. 66, n. 4, p. 577-589, 2018.

³⁸ ADDATI, L. et al. El trabajo de cuidados y los trabajadores del cuidado para un futuro con trabajo decente. **Ginebra: Op. cit. Gráfico**, v. 3, 2018.

³⁹ ADDATI, L. et al. op. cit., loc. cit. 2018.

gênero no acesso ao mercado de trabalho, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

FIGURA 4 - Percentual de pessoas inativas, por sexo, principal motivo de estar fora da força de trabalho e grupos de ingresso.(tradução minha)



FONTE: Organização Internacional do Trabalho (2018)

Quanto ao trabalho de cuidado remunerado, eles se encontram ocupados, em sua maioria por mulheres migrantes, que muitas vezes exercem um duplo trabalho, pois muitas também são mães.⁴⁰ Segundo dados da OIT, em relatório divulgado em 2015, demonstra-se que 73,4% das 67 milhões de empregadas do cuidado são mulheres.⁴¹

Ainda segundo esse relatório da OIT, muitos Estados, principalmente do Norte Global, trata o recrutamento de de mulheres migrantes para o trabalho do cuidado, como política nacional de Estado, a exemplo de Cingapura⁴², Eua e Canadá,⁴³ sendo visto com certa reticência por alguns estudiosos das ciências sociais, como Nancy

⁴⁰ LUTZ, Helma. Care migration: The connectivity between care chains, care circulation and transnational social inequality. **Current Sociology**, v. 66, n. 4, p. 577-589, 2018.

⁴¹ ILO, Labour Migration Branch. ILO global estimates on migrant workers: results and methodology. **Geneva: International Labour Organisation (ILO)**, 2015.

⁴² TEO, Y. Not Everyone has Maids: Work-life Balance Policies and their Class-differential Effect in Singapore. In: **XVIII ISA Congress of Sociology in Yokohama. Session selection: The Global Migration of Gendered Care Work**. 2014.

⁴³ MICHEL, Sonya; PENG, Ito. All in the family? Migrants, nationhood, and care regimes in Asia and North America. **Journal of European Social Policy**, v. 22, n. 4, p. 406-418, 2012.

Fraser, que classifica o cuidado, no capitalismo contemporâneo, como commodity fictícia.⁴⁴

Tal crítica encontra respaldo à medida que o cuidado remunerado vai criando uma forma mercantilizada e setorizada ao longo dos últimos anos, a ver, a categorização do trabalho por formas de jornada: por hora, meio-período, período integral e mobilidade interna.⁴⁵

Além disso, a constante troca de mão-de-obra e ocorrência de fluxos de migrantes vindas de continentes distintos, para prestação de serviço de cuidado nos centros globais e regionais, dá uma nova roupagem ao trabalho do cuidado, inserido no contexto de globalização e da Nova Divisão Internacional do trabalho, sendo causa e causador de precarização do trabalho.⁴⁶

Para Helena Hirata, para além da precarização, o trabalho informal (inserindo-se o não remunerado) e os fatores de vulnerabilidade são componentes essenciais para entender o trabalho do cuidado, sendo esse influenciado diretamente pela maior autonomia das mulheres de classes altas e envelhecimento populacional, que gera mais precariedade e desemprego, sendo assim, parte da Nova Divisão Internacional do Trabalho.⁴⁷

3.2.O que é cuidado?

Antes de adentrar aos conceitos das Cadeias Globais de Cuidado, é necessário fazer um parêntese e buscar na sociologia, os significados do ato de cuidar. Diante disso, é necessário voltar aos anos 70, durante a segunda onda do feminismo, onde o trabalho doméstico estava a plenos debates e discussões.⁴⁸

A partir disso, faz-se o seguinte questionamento: do que se trata o ato de cuidar? Trata-se de uma concepção mais subjetiva de gestão de manutenção da

⁴⁴ FRASER, Nancy. How feminism became capitalism's handmaiden—and how to reclaim it. **The guardian**, v. 14, n. 10, p. 2013, 2013.

⁴⁵ DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. El Mercado de trabajo de los cuidados y la creación de las cadenas globales de cuidado: ¿ cómo concilian las cuidadoras?. 2008.

⁴⁶ HIRATA, Helena. Divisão internacional do trabalho, precarização e desigualdades interseccionais. **Revista da ABET**, v. 17, n. 1, p. 7-15, 2018.

⁴⁷ HIRATA, Helena. op. cit., loc. cit., 2018.

⁴⁸ PÉREZ OROZCO, Amaia. **Desigualdades a flor de piel: Cadenas globales de cuidados. Concreciones en el empleo de hogar y articulaciones políticas**. sl ONU Mujeres, 2016.

vida cotidiana própria e de outrem, ou trata-se de uma concepção mais objetiva e alheia ao contato direto e humano?⁴⁹

De qualquer forma, o ato de cuidado pode ser lido de forma prática e concreta, seguindo quatro critérios: I. A importância de se resgatar o devido respeito a atividades invisibilizadas, como o cuidado não remunerado; II. Uma releitura da ótica dominante do cuidado como característica inata feminina; III. Abordar o cuidado como forma de gestão do cotidiano e as implicações de tal ótica nos papéis de gênero e IV. Abordar o cuidado não somente em sua forma quantitativa, mas qualitativa também, levando em conta não somente o alvo do cuidado, mas o cuidador também e suas especificidades de classe, raça, gênero e nacionalidade.⁵⁰

Para se entender tal ideia, é necessário compreender que o cuidado é uma integração entre concepções culturais, coletivas e um certo regime de organização, sendo necessário assinalar que tal ideologia do cuidado é construída socialmente, a partir da compreensão de papéis sociais, seja de gênero, raça e classe.⁵¹

Por fim, é válido destacar que tal organização social do cuidado chega a um ponto de contradição, a partir do momento que exige da trabalhadora o cuidado pessoal-familiar e o cuidado das necessidades do capital, demandando dela a solução a um problema de difícil resolução, a gestão do cuidado.⁵²

Uma autora que cabe mencionar ainda nesse contexto de conceituação do cuidado, é a cientista política Joan Tronto, uma das pioneiras no estudo da “ética do cuidado”, através de seu livro *“Moral boundaries: a political argument for an ethic of care”*.⁵³

Inspirada pela psicóloga norte-americana Carol Gilligan, Tronto tem como argumento principal a ideia de que, nas atividades do cuidado, as mulheres possuiriam um ponto de vista epistemológico particular e privilegiado, especialmente no que se refere às concepções de self e de moralidade, assim possuindo uma tendência a enfatizar a empatia e a compaixão, desenvolvendo um senso de moralidade focado nas relações e na preocupação com o outro.⁵⁴

⁴⁹ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit. 2016.

⁵⁰ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit. 2016.

⁵¹ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit. 2016.

⁵² PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit., 2016.

⁵³ ARAUJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 3, p. 43-69, 2018.

⁵⁴ ARAUJO, Anna Bárbara. op. cit. p. 54, 2018.

A crítica à ideia de Tronto, feita pela socióloga Anna Bárbara, recai sobre a divisão entre esfera pública e esfera privada feita pelo feminismo diferencial⁵⁵, além do hiperfoco na figura universal da “mulher”, negando assim, as experiências de mulheres menos privilegiadas.⁵⁶

Anna Bárbara critica também, a tentativa de Tronto em essencializar o cuidado ao naturalizar qualidades e virtudes específicas – de caráter moral – quais sejam, atenção, responsabilidade, competência e responsividade.⁵⁷

Depois de abordar uma perspectiva mais teórica do cuidado, é necessário tratar da chamada crise do modelo dominante de cuidado, vivido em regra, pelas sociedades familistas⁵⁸.

Segundo Irma Arriagada e Rosalba Todaro, tal crise advém de diversos fatores estruturais, tais como a participação crescente da mulher no mercado de trabalho formal; ii. evolução demográfica e epidemiológica, além do contexto cultural e material com a qual cada sociedade lida com o cuidado.⁵⁹

Ainda, cabe ressaltar a diminuição da importância da instituição família, em seu modo tradicional, para espaços sociais menos rígidos, além da mudança de papel da mulher dentro das sociedades capitalistas, que teve na terceira onda do feminismo, um grande impulso para esse ganho de autonomia.⁶⁰

Diante desses movimentos, a atividade de cuidar acaba sendo terceirizada, mesmo no âmbito familiar, para mulheres, em grande percentual migrantes, muito devido a globalização da execução dessas atividades.⁶¹

⁵⁵ ARAUJO, Anna Bárbara. op. cit. p. 43-69, 2018.

II O feminismo diferencial surge em diversos países entre as décadas de 1960 e 1970 advogando que a diferença sexual é libertadora para a mulher. Para as feministas diferenciais a especificidade da mulher deveria então ser respeitada e valorizada.

⁵⁶ ARAUJO, Anna Bárbara. op. cit. p. 57, 2018.

⁵⁷ ARAUJO, Anna Bárbara. op. cit. p. 59, 2018.

⁵⁸ OLIVEIRA, Eduardo Lopes; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. Familismo, patriarcado e empobrecimento feminino na comunicação pública do governo sobre o Programa Bolsa-Família. **Anagrama**, v. 13, n. 2, 2019.

⁵⁹ ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba. **Cadenas globales de cuidados: el papel de las migrantes peruanas en la provisión de cuidados en Chile**. Santiago: ONU Mujeres, p. 17, 2012.

⁶⁰ DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. El Mercado de trabajo de los cuidados y la creación de las cadenas globales de cuidado: ¿cómo concilian las cuidadoras?. 2008.

⁶¹ DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. op. cit., loc. cit. 2008.

3.3 Cadeias Globais de cuidado

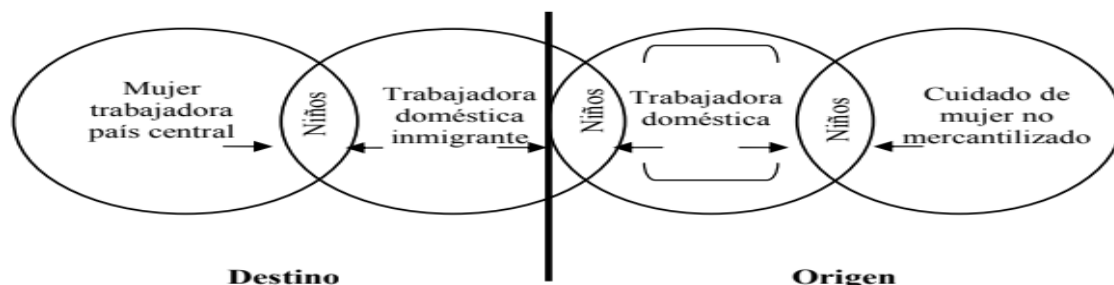
Introduzido o conceito de cuidado, faz-se agora necessário compreender as chamadas Cadeias Globais de Cuidado, introduzidas, como conceito sociológico, pela estadunidense Arlie R. Hochschild, que em 2001, explicou a respeito das relações entre trabalhadoras migrantes e seus respectivos filhos.⁶²

Tal conceito tem como objetivo, refletir sobre as interligações entre mães que contratam mulheres (em geral mães e migrantes) para cuidar de seus filhos e os possíveis impactos nos filhos dessas últimas.⁶³

Assim, as Cadeias Globais de Cuidado (CGC) podem ser definidas como um conjunto de laços pessoais entre pessoas de distintas origens, baseado no trabalho de cuidado remunerado e/ou não remunerado, em que cada trabalhadora é dependente uma da outra.⁶⁴

Um exemplo gráfico dessa conceituação é o seguinte:⁶⁵

FIGURA 5 - Cadeia de Cuidado



FONTE: Magdalena Díaz Gorfinkel (2008)

A CGC acaba por permitir a visualização de uma série de níveis (pessoas), através da qual perpassa o cuidado. As cadeias são compostas por três níveis básicos: I. Empregador (transfere o cuidado a pessoa migrante); II. O migrante contratado (transfere uma série de cuidados do seu lugar de origem) e III. Lugar de origem (o elo mais fraco da cadeia), sendo tal configuração determinada pelas relações de poder e atravessada por

⁶² HOCHSCHILD, Arlie Russell. Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional. In: **En el límite: La vida en el capitalismo global**. Tusquets, 2001. p. 187-208

⁶³ HOCHSCHILD, Arlie Russell. op. cit. p. 196. 2001.

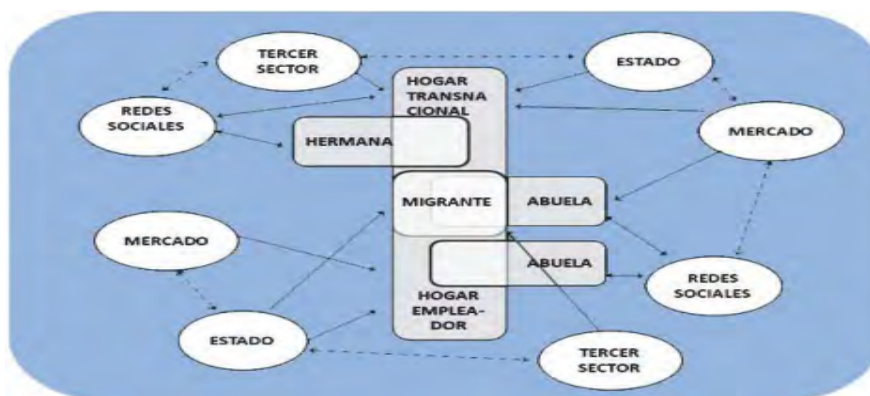
⁶⁴ ZIMMERMAN, Mary K.; LITT, Jacquelyn S.; BOSE, Christine E. **Global dimensions of gender and carework**. Stanford University Press, 2006.

⁶⁵ DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. op. cit., loc. cit. 2008

processos de negociação e estratégia.⁶⁶ Para além das Cadeias Globais, também há as chamadas redes de cuidado, mini-cadeias múltiplas e não-lineares, na qual dá suporte ao trabalho do cuidado, sendo também representada na imagem abaixo:⁶⁷

FIGURA 7 - Cartografias do Cuidado (tradução minha)

Gráfico 3: Cartografías del cuidado



FONTE: Amaia Pérez Orozco (2016)

Ao fim, as cadeias de cuidado se tornam cadeias femininas, em que os laços traçados entre os níveis, são laços feminizados, criando uma divisão sexual internacional do trabalho.⁶⁸

Ainda, vale destacar que as relações não são exclusivamente apenas entre as presentes nos níveis da Cadeia, mas o apoio dado pelas redes sociais dessas mulheres, também é apoio feminino, sendo os filhos, sempre uma responsabilidade de alguma mulher da família, quase nunca um homem.⁶⁹

Pensando nessa ausência masculina, as pesquisadoras Helma Lutz e Ewa Palenga-Mollebeck, em pesquisa empírica feita com mulheres ucranianas que migraram para países da Europa ocidental e Polônia, chegaram a conclusões semelhantes quanto a completa ausência masculina do papel do cuidado dos filhos deixados, sendo, em geral, delegado a mãe ou sogra, tal papel.⁷⁰

Diante desse monopólio feminino, muito devido a ausência do homem, muitos estudiosos da sociologia têm identificado dois fenômenos: a expansão da maternidade para além das fronteiras e os efeitos nos filhos deixados para trás.

⁶⁶ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit., 2016.

⁶⁷ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit., 2016.

⁶⁸ DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. op. cit., 2008

⁶⁹ DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. op. cit., 2008

⁷⁰ LUTZ, Helma; PALENGA-MÖLLENBECK, Ewa. Care workers, care drain, and care chains: Reflections on care, migration, and citizenship. **Social Politics**, v. 19, n. 1, p. 15-37, 2012.

Quanto ao primeiro, estudiosos estadunidenses têm dado atenção aos chamados arranjos de cuidado, ou seja, as adaptações feitas pelas mulheres migrantes, para que não haja falta no cuidado para com seus filhos deixados no país de origem. Ou seja, diante da abstenção e não assunção de responsabilidades de uma parte, a mulher, sujeito protagonista de seu projeto migratório, acaba por ter que se adaptar a essa falta.⁷¹

Nos estudos feitos no contexto da Ucrânia e Polônia pelas pesquisadoras Helma Lutz e Ewa Polenga-Mollembeck, foram identificados cinco padrões no arranjo deixado como responsabilidade do cuidado aos filho(s) deixados: I. Pais responsáveis pelo cuidado; II. Avós como responsáveis pelo cuidado; III. Familiares de sexo feminino, amigas e cuidadoras pagas; IV. Cuidado via redes sociais, sendo o skype o aplicativo mais utilizado e V. Outras pessoas próximas, sendo na maioria das vezes, mulheres.⁷²

Quanto aos efeitos do movimento migratório de mães nos seus filhos, muitos estudos têm sido feitos sobre, entretanto, em três pontos há discordâncias: I. Há estudos que conectam diretamente os suporte financeiro dado pelas mães distantes a seus respectivos sucessos acadêmicos;⁷³ II. Há estudos que realçam os efeitos negativos da abstenção de cuidado para crianças menores de idade;⁷⁴ e III. Estudos que rejeitam ou aceitam a parentalidade transnacional como algo exclusivamente positivo ou negativo.⁷⁵

Por fim, o que se conclui é que a partir do estudo das Cadeias Globais de Cuidado, é evidenciado a existência de um regime de cuidado injusto, na qual há uma sobrecarga sobre a mulher quanto aos cuidado, existindo essa injustiça a partir do momento em que não há uma responsabilidade social nos cuidados, além da presença do nexos sistêmico cuidado-desigualdade-precariedade.⁷⁶

Portanto, vê-se que há uma retroalimentação entre o pior posicionamento social, as necessidades de cuidado e a capacidade de receber cuidados adequados.⁷⁷ Implicando que a possibilidade de receber cuidados seja ao mesmo

⁷¹ LUTZ, Helma; PALENGA-MÖLLENBECK, Ewa. op. cit. p. 20, 2012.

⁷² LUTZ, Helma; PALENGA-MÖLLENBECK, Ewa. op. cit. p. 29, 2012.

⁷³ NICHOLAS, Tekla. Remittances, Education, and Family Reunification: Transnational Parenthood and Children-Left-Behind. 2008.

⁷⁴ PARREÑAS, Rhacel Salazar. **Children of global migration: Transnational families and gendered woes**. Stanford University Press, 2005.

⁷⁵ LUTZ, Helma. Care migration: The connectivity between care chains, care circulation and transnational social inequality. **Current Sociology**, v. 66, n. 4, p. 577-589, 2018.

⁷⁶ LUTZ, Helma. op. cit. p. 579, 2018.

⁷⁷ LUTZ, Helma. op. cit. p. 582, 2018.

tempo um indicador e um vetor de desigualdade social. Ou seja, responsabilizar-se pelo cuidado não só não cria direitos, mas impõe sérias restrições de acesso aos tais.⁷⁸

3.4. Direito ao Cuidado

A existência do direito ao cuidado, como convergência entre interseccionalidade, migrações e cuidado ainda não é tão explorada pela literatura e o presente artigo pretende apenas abordar essa proposta de forma a provocar uma reflexão sobre suas características.

Amaia Pérez, em seu livro sobre cuidado e migrações, tenta trazer uma abordagem sobre o que seria tal direito e o porquê debatê-lo. Segundo Amaia, o direito ao cuidado pode abarcar todos os direitos que se relacionam com o ato de cuidar, podendo ser analisado em três dimensões: o direito a receber cuidados; o direito a escolher entre cuidar e não cuidar e o direito a condições laborais propícias para o exercício do cuidado.⁷⁹

Amália em seguida traz mais perguntas que respostas e compreende que o desenvolvimento passa necessariamente pelo devido acesso ao direito ao cuidado em todas as dimensões.⁸⁰

Ainda no mesmo texto, a autora tenta uma abordagem do direito ao cuidado como direito universal e humano, compreendendo-o como aposta política, para que se entenda como um direito próprio e universal da cidadania, abarcando a dupla dimensão da recepção e provisão de cuidados.⁸¹ Quanto à finalidade política, a autora ressalta que o objetivo não é o reforço de direitos individuais, mas sim a refundação de direitos sociais⁸².

Para além do mero debate teórico acerca do direito ao cuidado, já há na prática, um tímido, mas existente, reconhecimento do direito ao cuidado como direito humano, mesmo que em nível regional.

A ver, as chamadas Conferências Regionais da Mulher da América Latina e Caribe, reconheceram desde Quito (2007) um “direito a cuidar, ser cuidado e

⁷⁸ LUTZ, Helma. op. cit. p. 585, 2018.

⁷⁹ PÉREZ OROZCO, Amaia. **Desigualdades a flor de piel: Cadenas globales de cuidados. Concreciones en el empleo de hogar y articulaciones políticas.** sl ONU Mujeres, 2016.

⁸⁰ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit., 2016.

⁸¹ PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit., 2016.

⁸² PÉREZ OROZCO, Amaia. op. cit., loc. cit., 2016.

autocuidado”.⁸³ Após tais encontros, que ampliaram a concepção inicial de Quito sobre cuidado,⁸⁴ a Convenção Interamericana sobre a proteção dos Direitos Humanos dos idosos, em seu artigo 12, reforça a necessidade de acesso ao cuidado para a pessoa idosa⁸⁵. E por fim, a OIT, em 2019, reconheceu o trabalho do cuidado como prioridade, em face do cumprimento da ODS 5, da Agenda 2030 da ONU.⁸⁶

4. A PRESENÇA DO CUIDADO NO DESTINO MIGRATÓRIO DAS MULHERES DO SUL QUE MIGRAM PARA O SUL

Estudar relações sociais requer o entendimento das categorias gênero, sexualidade e raça e no contexto Latino americano, marcado por histórico de exploração de trabalho, sobreposição de poder entre gênero, raça e sexualidade é necessário para compreender as correntes migratórias ocorridas no interior do continente sul americano.

Antes de adentrar a análise das correntes migratórias identificadas na literatura e levando em consideração o histórico de exploração presente na América Latina, é necessário ter-se em conta o conceito de Biopoder de Michel Foucault, que identifica um processo de normalização definidora de uma ordem moral e política sobre o discurso do sexo, além de que o próprio discurso de raça pura é o exemplo

⁸³ PAUTASSI, Laura Cecilia. The centrality of the Right to care in the Covid-19 crisis in Latin América. Opportunities at risk. Ano 2020.

⁸⁴ PAUTASSI, Laura Cecilia. op. cit. Ano 2020.

III. Las Conferencias subsiguientes celebradas en Brasilia (2010), República Dominicana (2013) y Uruguay (2016) reafirmaron en los consensos que el cuidado es un derecho y ampliaron las bases para el diseño de sistemas de provisión de cuidado basado en derechos. El Consenso de Brasilia reconoce: “Que el acceso a la justicia es fundamental para garantizar el carácter indivisible e integral de los derechos humanos, incluido el derecho al cuidado. Señalando que el derecho al cuidado es universal y requiere medidas sólidas para lograr su efectiva materialización y la corresponsabilidad por parte de toda la sociedad, el Estado y el sector privado”. En la Estrategia de Montevideo (2016) se identifica a la división sexual del trabajo y la injusta organización social del cuidado como uno de los nudos estructurales a modificar de manera explícita para alcanzar sociedades más justas y sostenibles y “cerrar la brecha entre la igualdad de jure y de facto mediante el fortalecimiento de las políticas públicas para garantizar la autonomía y el ejercicio pleno de los derechos humanos de todas las mujeres y niñas, superando discriminaciones, prejuicios y resistencias” (CEPAL, 2016).

⁸⁵ PAUTASSI, Laura Cecilia. op. cit. Ano 2020.

⁸⁶ Organización Internacional del Trabajo. (2019). El trabajo de cuidados y los trabajadores del cuidado para un futuro con trabajo decente. Disponível em: https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633168/lang--es/index.htm. Acesso em 27/04/2022.

prático do exercício do biopoder, gerando segregação e hierarquização social, criando relações marcadas por dominação e hegemonia⁸⁷.

Assim, racismo e sexismo acompanham-se mutuamente, pois compartilham a normalização da desigualdade social, devido a presença do argumento normalizador como forma de justificar as relações pré-estabelecidas de poder, tendo o corpo e meio social interligados em significação, além de entender como natural a submissão ao homem branco⁸⁸.

É a partir dessas ideias pré-concebidas e devido a séculos de exploração e opressão econômico-social, que a interseccionalidade, criada no âmbito do feminismo negro estadunidense, pode ser uma ferramenta importante para entender certas realidades específicas, a ver no presente estudo, das migrantes sulamericanas.

Com essa introdução a respeito da interseccionalidade entre raça, classe e gênero, tendo em mente o fenômeno da feminização das migrações nas últimas duas décadas e a precarização laboral vivida principalmente pelas trabalhadoras do cuidado migrantes, a presente pesquisa fez uma revisão de literatura de pesquisas qualitativas e identificou três correntes migratórias no contexto continental, direcionadas a três países distintos, Argentina⁸⁹, Brasil⁹⁰ e Chile⁹¹, a ser relatadas: Migrantes peruanas em Córdoba, Argentina; migrantes peruanas em Santiago, Chile e migrantes paraguaias em São Paulo, Brasil.

4.1. Migrantes peruanas em Córdoba, Argentina e o trabalho doméstico como principal saída:

O movimento das migrantes peruanas rumo a Córdoba foi representado em um importante estudo feito pela autora Maria José Magliano, da Universidad Nacional de Córdoba, que através de pesquisa de campo identificou algumas características típicas da imigração peruana à cidade de Córdoba.

⁸⁷ FOUCAULT, Michel. Faire vivre et laisser mourir: la naissance du racisme. **Les Temps modernes (Paris. 1945)**, v. 56, n. 535, p. 37-61, 1991.

⁸⁸ MAGLIANO, María José. Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos. **Revista Estudios Feministas**, v. 23, n. 3, p. 691-712, 2015.

⁸⁹ MAGLIANO, María José. op. cit., loc. cit., 2015.

⁹⁰ DUTRA, D. (2013). Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil. *Anuario Americanista Europeo*, 11, 93-108.

⁹¹ ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba. **Cadenas globales de cuidados: el papel de las migrantes peruanas en la provisión de cuidados en Chile**. Santiago: ONU Mujeres, 2012.

Antes de adentrar em tais características, é importante salientar que a migração peruana para a Argentina, historicamente tem ocorrido desde a década de 70,⁹² possuindo ao longo do tempo distintas características, tendo essas diferenciações sido identificadas em outro importante estudo feito pelos pesquisadores da Universidad Nacional de Córdoba, María del Carmen Falcón Aybar e Eduardo Bologna, em que os motivos e as vivências entre as distintas gerações de migrantes peruanos foram comparados entre si⁹³.

Partindo de Magliano, a autora identificou que tal fluxo trata-se de um movimento marcado pela migração de mulheres jovens que em busca de melhores condições de trabalho, encontrou na Argentina, mais precisamente Buenos Aires, Mendoza e Córdoba, um destino adequado.

A partir disso, a pesquisadora identificou alguns pontos em comum, para além do gênero: A origem nos centros urbanos peruanos, identificado também em outros estudos⁹⁴; a juventude de boa parte dessas migrantes e o tipo de trabalho a qual as mesmas se submeteram no país de destino, que em sua maioria passam a laborar como empregadas do cuidado ou domésticas em Córdoba, diferentemente dos trabalhos exercidos por elas no país natal. Ainda, há o fato de encabeçarem o movimento migratório e de muitas ainda terem o fator família como ponto decisório em suas vidas em Córdoba.

Tais questões, levantadas pela autora, podem ser destacadas nas trajetórias de três mulheres entrevistadas no estudo: Daniela, Gisella e Raquel. A partir dessas entrevistas e de outras mais, a autora pôde fazer as seguintes conclusões: O fato de muitas dessas mulheres migrantes encontrarem no trabalho doméstico a única porta de inserção laboral na Argentina, não está somente relacionado a pertencimento de classe ou qualificação laboral, fato esse corroborado no estudo de Maria Aybar e Eduardo Bologna, mostrando assim uma clara segmentação e hierarquização em termos étnicos-nacionais e de gênero do mercado de trabalho argentino.

Ainda, a autora também entende que a análise da trajetória dessas trabalhadoras mostram como em certos contextos, o etiquetamento social é o fator

⁹² MAGLIANO, María José. op. cit., p. 693., 2015.

⁹³ FALCÓN AYBAR, María del Carmen; BOLOGNA, Eduardo. Migrantes antiguos y recientes: una perspectiva comparada de la migración peruana a Córdoba, Argentina. **Migraciones internacionales**, v. 7, n. 1, p. 235-266, 2013.

⁹⁴ FALCÓN AYBAR, María del Carmen; BOLOGNA, Eduardo. op. cit. p. 235-266, 2013.

dominante nas relações entre sujeitos e nas lógicas de exploração e resistência que se subentendem dessas relações.

Por fim, a autora finaliza refletindo sobre a importância da aplicação da teoria da interseccionalidade para entender a confluência que é o “ser trabalhadora migrante” e as especificidades que a classe, o gênero e a etnicidade terão sobre a vida das mesmas.

4.2. Chile: Destino de migrantes peruanas e o trabalho doméstico “puerta adentro”

Ainda em relação a migrantes peruanas, mas agora referente ao movimento dessas rumo ao Chile, as pesquisadoras Rosalba Todaro e Irma Arriagada, com base em dados retirados da CASEN (Caracterización Socioeconómica de Chile) em 2006, realizaram um levantamento de perfil da população migrante peruana, identificando desde fatores etários, como laborais e econômicos desse grupo⁹⁵.

Com base nisso as autoras chegaram a alguns dados interessantes que corroboram com os dados pesquisados de outros movimentos migratórios regionais: O primeiro dado interessante é a desproporcionalidade entre gêneros dentro do grupo de migrantes peruanos presentes no Chile, sendo 6 homens para cada 10 mulheres peruanas.

Outro dado curioso identificado pelas autoras é o perfil jovem dos migrantes, que corrobora também com o perfil das peruanas migrantes de Córdoba, mas diferentemente dessas, a maior parte das imigrantes peruanas no Chile eram compromissadas afetivamente, sendo 5 a cada 10 delas, tendo aqui a família um papel importante no projeto migratório, similar ao papel exercido pela família nas famílias bolivianas da Argentina.

Quanto à escolaridade, as migrantes peruanas possuíam um alto índice educacional, sendo que quase 8 em cada 10 delas possuíam mais de dez anos de escolaridade, o que não necessariamente as garantiria empregos a altura de seus níveis educacionais.

Por fim, um fator importante identificado nesse estudo é a precariedade laboral enfrentada pela mulheres migrantes, que devido a uma política migratória⁹⁶

⁹⁵ ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba.op. cit. Santiago: ONU Mujeres, 2012.

⁹⁶ ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba.op. cit. Santiago: ONU Mujeres, 2012.

extremamente burocrática e prejudicial a grupos vulneráveis, se vêem numa situação de extrema insegurança, pois como quase 70% delas trabalham no serviço doméstico, sendo esse um serviço precarizado não somente pelas condições de trabalho mas também pela influência dessa política migratória local, as migrantes se submetem ao serviço “puerta adentro”⁹⁷, caso queiram mais segurança em seu trabalho, assim, lidando com jornadas mais exaustivas.

4.3. Brasil: O desafio das migrantes paraguaias na maior metrópole da América so Sul

Em “Mulheres do Sul também migram para o Sul, Paraguaias no Brasil”⁹⁸ da pesquisadora da USP Délia Dutra, é retratado com afinco o movimento migratório de mulheres paraguaias para o Brasil, com foco em grandes centros urbanos. Nesse estudo foram entrevistadas 20 mulheres paraguaias entre 16 e 50 anos, tendo sido realizado um questionário próprio tentando abordar de modo geral as vivências dessas mulheres migrantes.

Através desse estudo, segundo Dutra, foi possível confirmar alguns pressupostos típicos das migrações internacionais tal qual as motivações sócio-econômicas que impulsionam tais movimentos, a crescente tendência no aumento das famílias monoparentais, que conseqüentemente pode vir a trazer uma feminização da migração como uma conseqüência da feminização da pobreza no país de origem da migrante e no país de destino.

Para chegar a essas conclusões a pesquisadora, para além da análise do aspecto conceitual das migrações internacionais, trouxe dados sobre o perfil do migrante paraguaio, que em geral nos últimos 5 anos está representado por uma mulher jovem e advinda do interior do país. Além dessa análise, Dutra separou sua pesquisa em categorias, sendo elas: Família, trabalho e Acesso a serviços ou políticas públicas no país destino (Brasil).

No aspecto família, Dutra identificou o afiançamento afetivo no Brasil como uma característica comum a todas, já que nenhuma delas possuem cônjuges no

X. No Chile, há a necessidade de um contrato de trabalho para obter o visto, seja temporário ou definitivo, o que expõe as migrantes a abusos por parte do Estado Chileno e dos seus patrões.

⁹⁷ ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba. op. cit. Santiago: ONU Mujeres, 2012.

XI. Tipo de serviço doméstico que exige a moradia da empregada doméstica no local de serviço.

⁹⁸ Dutra, D. (2013). Op. cit., Loc. cit..

Paraguai e pelo menos a metade possui cônjuge no Brasil. Outro dado interessante achado por Dutra, é que apenas uma vive com o filho no Brasil, sendo que apenas 5 migrantes deixaram filhos no país de origem.

No que concerne ao aspecto laboral, Dutra identificou outro fator comunitário entre as entrevistadas: o exercício de ocupações culturalmente e tradicionalmente ocupadas por mulheres no contexto da Divisão Internacional sexual do trabalho⁹⁹. Tal identificação de padronização no tipo de trabalho exercidos por mulheres migrantes durante o projeto migratório também foi identificado em outros estudos, a ver, migrantes peruanas em Córdoba¹⁰⁰ e migrantes Equatorianas na Espanha¹⁰¹.

Tais conclusões, chegada por diferentes estudos sobre movimentos migratórios de mulheres, corroboram com o conceito de Cadeias Globais de Cuidado, na qual mulheres, que em seus países de origem exercem funções das mais diversificadas, quando migram para um país mais rico (do Sul) ou do Norte Global, tendem a recorrer a trabalhos de cuidado, criando-se uma cadeia de elos de cuidado, desde a mulher contratante da migrante no destino à tia/mãe que cuida do(a) filho(a) da mulher migrante.

Um último fator considerado pela autora, foi o acesso a serviços e políticas migratórias, que segundo a pesquisa, a barreira da língua, a burocracia e a falta de informações encontrada pelas migrantes acabaram por ser limitantes do acesso a tais recursos, podendo impedir até mesmo de manter-se regularizado no país.

Por fim, Dutra chega a algumas conclusões: A importância de se estudar cada vez mais o fenômeno das migrações internacionais e não somente no clássico sentido Sul-Norte, mas também Sul-Sul, pois diferente de um possível senso comum, as dificuldades enfrentadas por uma migrante latino-americana no Norte global, poderá ser enfrentada no país do Sul.

Ainda, Dutra conclui também que os resultados obtidos dessa pesquisa quantitativa e qualitativa corroboram os dados iniciais relativos ao perfil do migrante paraguaio: mulher, jovem, com filho(s) e/ou com cônjuge no Brasil. Tal dado, segundo a autora, explica o porquê de boa parte das entrevistadas não desejarem o retorno imediato, pois parte possui um aprofundamento afetivo no território brasileiro e

⁹⁹ Trata--se de um conceito que faz referência a formas de inserção diferenciada de homens e mulheres na divisão do trabalho existente, tanto nos espaços de reprodução quanto nos de produção social. (Ginés apud Dutra 2013, 211).

¹⁰⁰ MAGLIANO, María José. op. cit., loc. cit., 2015.

¹⁰¹ ACOSTA GONZÁLEZ, Elaine. Op. Cit.. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 35, 2013.

parte necessita sustentar a prole, sendo necessário trabalhar em território estrangeiro, já que o Paraguai, terra natal, não fornece tais ferramentas para essas mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como perceptível ao longo do presente artigo, o estudo das migrações internacionais requer sempre um cuidado metodológico e de recorte preciso como objeto de estudo. Diante disso, estudar tal temática pelo feminismo interseccional, permite uma clarificação do fenômenos migratório, além de permitir um avanço em subtemas e temas correlacionados.

Apesar de ser um estudo analítico cuja ferramenta principal é a revisão bibliográfica, o presente artigo tentou trazer para âmbito do debate acadêmico variados temas de importância prática. A ver, a abordagem feita ao longo do artigo de conceitos como “feminização das migrações”, “Cadeias Globais de cuidado” e “interseccionalidade”, que ao analisar-se os movimentos migratórios, verifica-se na prática a existência desses fenômenos

Um exemplo claro são os movimentos migratórios retratados no último capítulo, na qual traz três movimentos distintos de migração de mulheres, para três países diferentes, mas que possuem bastante similitude.

A primeira, é o perfil dessas mulheres migrantes, que nos três casos, estão em idade ativa laboral, com filhos e não necessariamente casadas, fazendo desse perfil de migrante mais independente e protagonista do próprio projeto migratório.

Outra similitude é a recorrência ao trabalho de cuidar como primeira forma de sobrevivência no lugar de destino, mas que muitas vezes, torna-se a principal atividade laboral da migrante, como retratado na pesquisa sobre as migrantes peruanas na cidade de Córdoba (Argentina) e no Chile.

Estabelecido o perfil da migrante, é possível perceber os elos do cuidado, componente das Cadeias Globais de Cuidado, na necessidade das migrantes mães em deixar seus filhos no país de origem e esses serem cuidados por tias e avós.

Ainda, o fato de muitas vezes, essas mulheres precisarem trabalhar de forma interna, convivendo com a família do país de destino, como é o caso das migrantes retratadas nas pesquisas do Chile e da Argentina.

Entretanto, o presente artigo não objetiva esgotar tal correlação, Cadeias Globais de Cuidado-Migração, necessitando-se mais investigação no âmbito Sul-Sul, ainda mais, devido a massa de migração ocorrida na última década na América do Sul, de venezuelanos fugindo para Brasil, Argentina e principalmente o país vizinho, Colômbia.

Para além da identificação do fenômenos das Cadeias Globais de Cuidado, o presente artigo identificou alguns outros conceitos relatados no transcorrer desse estudo e que merecem uma atenção mais acurada.

A ver, o “direito ao cuidado” e sua afirmação como direito humano universal, além dos possíveis impactos sócio-econômicos para os Estados, principalmente do Sul Global.

Outro termo recorrente, foi a chamada “transnacionalidade parental”, muito presente na vida das mulheres migrantes, como demonstrado no estudo das autoras Ewa Polenga e Helma Lutz, a respeito de migrantes ucranianas na Polônia e Alemanha.

Por fim, é válido salientar que o estudo da migração por ter tamanha amplitude, merece cada vez mais atenção e no contexto de um mundo marcado pelo capitalismo financeiro mais e mais influenciado pelos fenômenos da pós-modernidade, como a globalização, é sempre importante para o debate público pautar fenômenos da vida real que afetam os mais vulnerabilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA GONZÁLEZ, Elaine. **Mujeres migrantes cuidadoras en flujos migratorios sur-sur y sur-norte: expectativas, experiencias y valoraciones**. Polis. Revista Latinoamericana, n. 35, 2013. Disponível <<https://journals.openedition.org/polis/9247>>. Acesso em 15 julho de 2020.

ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba. **Cadenas globales de cuidados: el papel de las migrantes peruanas en la provisión de cuidados en Chile**. Santiago: ONU Mujeres, 2012. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Rosalba_Todaro2/publication/298592925_Arriagada_Irma_y_Todaro_Rosalba_2012_Cadenas_globales_de_Cuidados_El_papel_de_las_migrantes_peruanas_en_la_provision_de_cuidados_en_Chile/links/56e9e85908ae3a5b48ccb9d0/Arriagada-Irma-y-Todaro-Rosalba-2012-Cadenas-globales-de-Cuidados-El-papel-de-las-migrantes-peruanas-en-la-provision-de-cuidados-en-Chile.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2020.

ASSIS, Gláucia. O. **Mulheres migrantes no passado e presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 336, set-dez.2007 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/?lang=pt&format=html>>.

ARAUJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 3, p. 43-69, 2018. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34245>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. **Ain't IA woman? Revisiting intersectionality**. Journal of international women's studies, v. 5, n. 3, p. 75-86, 2004. Disponível em <<https://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1543&context=jiws>>. Acesso em 15 de julho de 2020.

BROWNE, Irene; MISRA, Joya. **The intersection of gender and race in the labor market**. Annual review of sociology, v. 29, n. 1, p. 487-513, 2003. Disponível em <<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.soc.29.010202.100016>>. Acesso em 15 de julho de 2020.

CASARIL, Fernanda. **Violência em trânsito na América Latina e Caribe: a situação das mulheres migrantes durante o trajeto migratório**. Ano. 2019. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60850>>. Acesso em 25 de abril de 2022.

CEPAL.Comissão Econômica para a América Latina; **Observatorio Demográfico de América Latina 2018: Migración internacional = Demographic Observatory of Latin America 2018** : International migration; Acesso em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/44411-observatorio-demografico-america-latina-2018-migracion-internacional-demographic>.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics and Violence Against Women of Color**. *Stanford Law Review*, Stanford, v. 43, p. 1241-99, 1991.

DÍAZ GORFINKIEL, Magdalena. **El Mercado de trabajo de los cuidados y la creación de las cadenas globales de cuidado: ¿ cómo concilian las cuidadoras?**. 2008. Disponível em:<<http://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/18789>>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

DUTRA, Delia. (2013). **Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil**. *Anuario Americanista Europeo*, 11, 93-108. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/22012>>. Acesso em 15 de julho de 2020.

FALCÓN AYBAR, María del Carmen; BOLOGNA, Eduardo. **Migrantes antiguos y recientes: una perspectiva comparada de la migración peruana a Córdoba, Argentina**. *Migraciones internacionales*, v. 7, n. 1, p. 235-266, 2013. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-8906201300010008>. Acesso em 15 de julho de 2021.

FRASER, Nancy. **How feminism became capitalism's handmaiden—and how to reclaim it**. *The guardian*, v. 14, n. 10, p. 2013, 2013. Disponível em:<<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/oct/14/feminism-capitalist-handmaiden-neoliberal>>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

FOUCAULT, Michel. **Faire vivre et laisser mourir: la naissance du racisme**. Les Temps modernes (Paris. 1945), v. 56, n. 535, p. 37-61, 1991.

GONZALEZ, M. C.; SMITH, Y. D. de. Género y migración: desandando caminos. Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, n. 31, p. 143-157, jan.2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Yamile-Delgado-De-Smith/publication/281176107_Genero_y_migracion_Desandando_caminos/links/55d9a7c108aed6a199a8b182/Genero-y-migracion-Desandando-caminos.pdf> Acesso em 16 de Outubro de 2021.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo social, v. 26, p. 66, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 04 de maio de 2021.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional. In: **En el límite: La vida en el capitalismo global**. Tusquets, 2001. p. 187-208 Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=579320>>. Acesso em 10 de abril de 2022.

HORNHARDT, Amanda Menconi. **Interseccionalidade, Consubstancialidade e a metáfora do “nó”: A importância das lentes analíticas para a compreensão da imbricação de gênero, raça e classe**. Disponível em <<https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC23/MC234.pdf>> Acesso em 20 de abril de 2022.

ILO, Labour Migration Branch. ILO global estimates on migrant workers: results and methodology. **Geneva: International Labour Organisation (ILO)**, 2015.

LUTZ, Helma. Care migration: **The connectivity between care chains, care circulation and transnational social inequality**. Current Sociology, v. 66, n. 4, p. 577-589, 2018. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0011392118765213>>. Acesso em 20 de abril de 2022.

LUTZ, Helma; PALENGA-MÖLLENBECK, Ewa. **Care workers, care drain, and care chains: Reflections on care, migration, and citizenship.** *Social Politics*, v. 19, n. 1, p. 15-37, 2012. Disponível em: <<https://academic.oup.com/sp/article-abstract/19/1/15/1695214>>. Acesso em 15 de março de 2022.

MAGLIANO, María José. **Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos.** *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 3, p. 691-712, 2015. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/381/38142136003.pdf>>. Acesso em 15 de julho de 2020.

MALLIMACI, A. Localizando el sentido de las desigualdades. Inclusiones y exclusiones de los/as bolivianos/as en Ushuaia. **KARASIK, Gabriela. Migraciones internacionales. Reflexiones y estudios sobre la movilidad territorial contemporánea.** Buenos Aires: CICCUS, p. 87-106, 2013.

MICHEL, Sonya; PENG, Ito. **All in the family? Migrants, nationhood, and care regimes in Asia and North America.** *Journal of European Social Policy*, v. 22, n. 4, p. 406-418, 2012. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0958928712449774>>. Acesso em 26 de abril de 2022.

Ministério da Justiça e Segurança Pública, Governo Federal. Brasil registra mais de 700 mil migrantes entre 2010 e 2018. 22 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1566502830.29>>. Acesso em: 13 de Julho de 2020.

NICHOLAS, Tekla. Remittances, Education, and Family Reunification: Transnational Parenthood and Children-Left-Behind. 2008. Disponível em: <https://digitalcommons.fiu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1006&context=african_a_student_pres>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

OLIVEIRA, Eduardo Lopes; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. **Familismo, patriarcado e empobrecimento feminino na comunicação pública do governo**

sobre o Programa Bolsa-Família. *Anagrama*, v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/157549>>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

PARREÑAS, Rhacel Salazar. **Children of global migration: Transnational families and gendered woes**. Stanford University Press, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pi_MYmo4qi0C&oi=fnd&pg=PP11&dq=PARRE%C3%91AS,+Rhacel+Salazar.+Children+of+global+migration:+Transnational+families+and+gendered+woes.+Stanford+University+Press,+2005.&ots=pg4uRPK6du&sig=K_fXS4aiG9QYevizRi05492CeDg>. Acesso em: 17 de abril de 2022.

PAUTASSI, Laura Cecilia. **The centrality of the Right to care in the Covid-19 crisis in Latin América. Opportunities at risk**. Ano 2020. Disponível em: <https://alicia.concytec.gob.pe/vufind/Record/REVPUCP_1a2178b6acae4c0603f41e19026a22a8>. Acesso em 25 de abril de 2022.

PÉREZ OROZCO, Amaia. **Desigualdades a flor de piel: Cadenas globales de cuidados. Concreciones en el empleo de hogar y articulaciones políticas**. si ONU Mujeres, 2016. Disponível em: <<http://riberdis.cedd.net/handle/11181/5044>>. Acesso em 20 de março de 2022.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. *Sociedade e cultura*, v. 11, n. 2, 2008.

SANTOS, M. P. dos; SANTIAGO, M. C. . **Com deficiência, mulher e refugiada: uma tríade omnileticamente interseccional**. *Revista Educação Especial, [S. l.]*, v. 34, p. e69/1–17, 2021. DOI: 10.5902/1984686X67656. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/67656>. Acesso em: 28 abr. 2022.

TELMO, Alice Queiroz.; PIZZINATO, Adolfo; WEBER, João. Luís. Almeida. **Feminização da migração involuntária no Brasil: intersecções de gênero, raça/etnia e classe**. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499638718_ARQUIVO_Analisedosartigos28_06.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2020.

TEO, Y. Not Everyone has Maids: Work-life Balance Policies and their Class-differential Effect in Singapore. In: **XVIII ISA Congress of Sociology in Yokohama. Session selection: The Global Migration of Gendered Care Work.** 2014.

TRPIN, Verónica; PIZARRO, Cynthia. **Movilidad territorial, circuitos laborales y desigualdades en producciones agrarias de Argentina: abordajes interdisciplinarios y debates conceptuales.** REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 25, n. 49, p. 35-58, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852017000100035&script=sci_art_text>. Acesso em 15 de julho de 2020.

UN. **International migration report 2015.** UN, 2015.

UNHCR-ACNUR Brasil. **Brasil torna-se o país com o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina.** 30 de janeiro de 2020. Disponível em: <[United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division \(2019\). **International Migration 2019: Wall Chart \(ST/ESA/SER/A/431\).** Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>. Acesso em 26 de abril de 2022.](https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/#:~:text=Pesquisar%20ACNUR-,Brasil%20torna%20se%20o%20pa%C3%ADs%20com%20maior%20n%C3%BAmero%20de,venezuelanos%20reconhecidos%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina&text=A%20Ag%C3%AAncia%20da%20ONU%20para,17%20mil%20venezuelanos%20como%20refugiados.>. Acesso em: 13 de julho de 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

ZIMMERMAN, Mary K.; LITT, Jacquelyn S.; BOSE, Christine E. **Global dimensions of gender and carework.** Stanford University Press, 2006. Disponível: <